

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

**Os contos de crime e mistério numa proposta para o
ensino da oralidade em Língua Portuguesa e Literatura**

**Cristiane Medeiros de Lima
Porto Alegre
Dezembro de 2009.**

CRISTIANE MEDEIROS DE LIMA

Os contos de crime e mistério numa proposta para o ensino da oralidade em Língua Portuguesa e Literatura

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora:
Profª Drª Luciene Juliano Simões

Porto Alegre
Dezembro de 2009

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor um projeto temático nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura para alunos do 1º ano do Ensino Médio intitulado *A arte nada elementar de solucionar mistérios* e que visa a abordagem do gênero conto com a temática crime e mistério. A produção final consiste em um seminário em pequenos grupos, onde os alunos deverão apresentar os aspectos principais de um conto pré-estabelecido. Como extensão do projeto, deverá ser feita uma divulgação de outras obras literárias com o mesmo tema na rádio da escola. Os principais objetivos pedagógicos consistem em desenvolver as competências orais dos alunos, atualmente negligenciadas em sala de aula e aprimorar o conhecimento dos alunos sobre o gênero em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade — conto — Referenciais RS — Letramento

ABSTRACT

This paper intends to propose a thematic project in the disciplines of Portuguese and Literature for students in the 1st year of High School named *A nada elementar arte de solucionar mistérios*, which aims to approach short stories as a genre, especially narratives about crime and mystery. The final production is based on a seminar to be done by small groups in which students are supposed to present the main aspects of a pre-established short story. As a project extension, the groups can also broadcast suggestions of other stories within the same genre in the school radio. The main pedagogical purposes are to develop students' oral abilities, currently neglected in teaching and to improve students' knowledge of this genre.

KEY WORDS: Orality — Short story — Referenciais RS — Literacy

INTRODUÇÃO

A tarefa do professor de proporcionar um saber efetivo e enriquecedor, que promova não somente o crescimento intelectual do aluno mas também seu crescimento como ser social é papel da educação. Nos últimos cinquenta anos, a escola brasileira pareceu ser surpreendida pelo grande crescimento populacional e a abertura de portas às classes mais inferiores, alunos cujos pais muitas vezes enquadravam-se na categoria de analfabetos (funcionais). Deste fator, dois desafios escolares nasceram: como acolher este grande número de alunos que, ao ingressarem na escola, muitas vezes sequer haviam tido contato com um livro e como adaptar o conteúdo escolar às necessidades de vida deste contingente tão expressivo? Não só uma nova instituição era requerida, como também houve a necessidade de uma nova concepção do objetivo de ensino.

Especificamente no ensino da Língua Portuguesa a questão não é menos delicada. Ainda insistimos em perpetuar o modelo de ensino do latim, regra nos antigos seminários, para alunos que precisam escrever e-mails, ler jornais (situações onde a escrita prevalece) mas também precisam explicar ao médico o problema, relatar ao colega algo interessante que ouviram, dar sua opinião sobre determinado assunto, etc. A escola de hoje, a mesma de cinquenta anos atrás, não tem estrutura para lidar com isto.

A formação do aluno, portanto, deve focalizar justamente as situações exemplificadas anteriormente, além de inúmeras outras. É um erro, porém, entender que o trabalho educacional deve limitar-se a este objetivo. Uma formação completa deve contemplar isto e ir além: deve proporcionar ao aluno um conhecimento que dificilmente este adquiriria fora do ambiente escolar, um crescimento como cidadão e ser pensante. Ora, os meios para atingir estes objetivos se dão por situações cotidianas: ler um livro, ter sucesso em comunicar-se com o outro, fazer valer a sua opinião em diferentes lugares. A voz de um determinado indivíduo na sociedade é proporcional ao grau de conhecimento que este possui da língua padrão tanto da escrita quanto da fala.

O que este trabalho pretende alcançar é propor um projeto de ensino que tenha em vista a linguagem com a função explicitada acima, na tentativa de pôr em prática uma discussão que já dura algumas décadas. Como graduanda em Letras,

afirmo que ainda falta uma quantidade maior de exemplos práticos embasados nas diversas teorias sobre a aprendizagem de língua fundamentadas no uso. O projeto a seguir, destinado a alunos do 1º ano do Ensino Médio é intitulado *A arte nada elementar de solucionar mistérios* e irá abordar a questão ainda não-suficientemente tratada da oralidade em sala de aula. A bibliografia norteadora será os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) (doravante PCN) e os Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul (2009) (doravante RCs-RS¹), sendo o projeto inspirado em uma proposta do último. O primeiro capítulo é dedicado à concepção de língua subjacente à proposta presente. No segundo capítulo a questão da oralidade e sua possível reflexão em aula é abordada, bem como é feita uma breve explicação sobre a estrutura de uma unidade temática. No terceiro capítulo algumas considerações concernentes exclusivamente ao material proposto são colocadas. No capítulo final é proposto o projeto, bem como o material a ser utilizado pelo aluno e os procedimentos que seriam feitos pelo professor.

¹ Os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul(2009) são uma tentativa de sistematizar e aproximar os currículos das diferentes redes educacionais do Estado. O documento apresenta as habilidades e competências que devem ser trabalhadas em aula, trazendo propostas de temáticas adequadas para cada série e seus gêneros estruturantes, bem como sugestões de projetos. A tentativa não busca a total centralização do que é trabalhado nas escolas mas sim uma menor discrepância entre escolas do ensino vigente, sendo cada escola livre para adaptar o conteúdo a sua realidade.

1.PRESSUPOSTOS

1.1 Concepção de aprendizagem

Antes de entrarmos na reflexão sobre aspectos mais diretamente relacionados ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura, é preciso explicitar o que neste trabalho entendemos por aprendizagem. A visão do aprendiz como ser estritamente passivo, cuja único desafio é receber satisfatoriamente o conhecimento pronto é descartada aqui. O professor seria um facilitador do processo educativo (Vygotsky, 2008), garantindo subsídios para a aprendizagem autônoma do aluno. Assim, o ensino do Português e da Literatura deverá, como defende Neves (2004-p. 19), representar “acima de tudo, a explicitação reflexiva do uso de uma língua particular historicamente inserida, via pela qual se chega à explicitação do próprio funcionamento da linguagem”.

O aluno não pode ser concebido como um total iniciante no aprendizado da língua, como se estivesse aprendendo uma língua estrangeira. O professor de Língua Portuguesa lida com sujeitos que utilizam o objeto estudado, porém sem um maior aprimoramento e domínio dos diferentes contextos em que a linguagem se faz presente. A tarefa da escola não é transferir conhecimento mas aprimorá-lo.

1.2. A questão gramatical

É claro para todos o papel dominante da gramática prescritiva² no ensino da Língua Portuguesa atualmente, na qual as regras a serem seguidas pelo pretense falante competente da língua baseiam-se na literatura clássica, ignorando qualquer transformação natural da língua e contexto do enunciado.

O maior problema, entretanto, não é a simples imposição da gramática prescritiva e sim a falta de reflexão sobre o seu uso, pois o aluno não é convidado a refletir sobre o objeto estudado (e, infelizmente, não experienciado). Antes da democratização da escola básica as mesmas regras eram rigidamente impostas aos alunos dos seminários, escolas privadas, etc., apresentando estes um conhecimento lingüístico muito maior do que o pertencente aos alunos do começo do novo século. A razão de ser é a desestruturação da escola contemporânea e,

² Sobre definições de gramática, ver Travaglia (2008).

por conseguinte, dos professores, os quais “agarram-se” no que lhes é mais palpável, no nível da análise da língua mais elementar, utilizando noções conceituais equivocadas, que mais confundem os alunos do que os norteiam (Franchi, 2006). A metalinguagem, cuja função no começo dos estudos gramaticais era descrever a língua em estudo, passou a predominar nas práticas escolares.

Segundo o mesmo autor, não é relevante a busca da melhor definição dos elementos pertencentes à língua mas sim “levar os alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas lingüísticas para suas mais diversas opções”(ibidem, p.64). A metalinguagem, nesta perspectiva, somente estará presente quando houver a necessidade da referência a um termo.

Esta perspectiva teórica nos apresenta a um novo tipo de concepção de gramática: a gramática reflexiva, a qual, segundo Soares (1979 apud Travaglia, 2008) consiste em “uma gramática em explicitação, que surge da reflexão com base no conhecimento intuitivo dos mecanismos da língua e será usada para o domínio consciente de uma língua que o aluno já domina inconscientemente³” (p. 142). Portanto, o objetivo do ensino de Língua Portuguesa visa fazer mais significativo e abrangente o domínio da língua que o aluno já faz uso cotidiano, sendo o professor o responsável por mostrar ao aluno o tipo de linguagem adequado nas diferentes ocasiões interacionais, incluindo as casos de variação lingüística.

Não somente o texto escrito deverá adequar-se ao diferentes tipos de registro. Na modalidade oral, há situações interacionais diversas, apresentando diferentes interlocutores, o que exige do enunciador dinamismo e domínio de diferentes registros. A tarefa do professor é mostrar ao aluno que embora o seu texto seja oral, o que poderia levar ao equívoco do informalismo exacerbado, deve estar de acordo com o contexto em que é produzido. Novamente faz-se importante a delimitação do interlocutor na produção.

1.3 Língua Portuguesa e Literatura

³ O termo “domínio” é dito de discussões, pois pode transmitir a ideia de que o falante culto é capaz de conhecer a sua língua por completo. O que de fato difere falantes com diferentes níveis de conhecimento prático da língua é a sua capacidade de adaptação em diferentes situações discursivas.

Ainda há de se discutir a questão contraditória da divisão das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura no âmbito escolar. Durante todo o Ensino Fundamental as duas áreas fazem parte de um mesmo planejamento curricular, não significando, porém, que o funcionamento da linguagem seja explorado através dos textos lidos. No início do Ensino Médio esta aparente união é desfeita por completo no momento em que os períodos literários são introduzidos no currículo. Há em grande parte dos casos ainda uma subdivisão da disciplina de Português que separara também a gramática e o texto.

O que causa dúvida é o fundamento desta divisão entre áreas com características tão próximas. Segundo Leite (2006), os estudos lingüísticos e de teoria literária nas duas últimas décadas têm mostrado ser a palavra a essência principal da literatura, sendo impossível dissociar uma da outra e que a literatura é somente uma das formas de manifestação da linguagem. A dissolução entre as áreas, deve, portanto, ser posta à prova.

2. A QUESTÃO DA ORALIDADE

2.1. A concepção de oralidade

Inúmeros pesquisadores vêm procurado refletir sobre a relação entre a fala e a escrita onde a hierarquia entre elas varia dependendo do estudo. Segundo Oliveira (1998), existem duas diferentes concepções acerca da superioridade de uma sobre a outra. A primeira concepção busca argumentos na superioridade cronológica da fala sobre a escrita, além de outros fatores, como a capacidade humana biológica da fala, a existência de várias línguas sem sistema de escrita e as limitações da difusão do letramento da grande população. A visão que defende a supremacia da fala perante a escrita foi eleita pela sociolinguística até a década de 1980 na tentativa de valorização da oralidade.

A segunda perspectiva elege a escrita como prioritária por ser menos perecível que a fala e ter funções sociais mais concretas, como registrar acontecimentos e ser utilizada nas sociedades letradas para o uso oficial e escolar. Quem a domina possui grande prestígio, o que traz o lado negativo deste ponto de vista, pois faz com que as camadas mais populares tornem-se ainda mais marginalizadas. Mesmo criada posteriormente à fala, a escrita tornou-se no mundo civilizado indispensável para a real integração do indivíduo à sociedade. Um homem letrado pode sofrer algum tipo de privação da fala e mesmo desta forma expressar-se intelectualmente através da escrita.

Ainda segundo a autora, embora estudiosos sejam mais favoráveis a uma ou outra, nenhum defende o status independente de uma modalidade, já que a fala e a escrita são complementares. Em outras palavras, a situação comunicativa será a grande determinadora da forma que irá prevalecer. Marcuschi (1997) compartilha com a autora a ideia de que uma mera dicotomia não é suficiente para lidar com um fenômeno linguístico tão complexo como este. Hoje em dia, segundo o autor, é preferível falar-se das diferentes práticas sociais em que uma e/ou outra será empregada, ou seja, é dada uma maior atenção no uso da língua e não na aspectos de cunho mais abstratos desta:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. (2003, p.17).

O autor ainda vai além e faz uma distinção entre fala e escrita e oralidade e letramento, sendo os últimos referentes especificamente a práticas sociais e não a processos lingüísticos.

Neste trabalho, referir-me-ei à oralidade como produção oral em sala de aula, a qual é contrastante com a produção escrita. Como exemplo de produção oral, além da tomada de turno no diálogo cotidiano em aula, cito também os debates, as entrevistas, os seminários — proposta do presente projeto — as palestras, entre outros.

2.2. A voz do aluno em sala de aula

O homem, como ser social, possui a capacidade de desenvolvimento e aprendizagem através da interação. Por meio do convívio familiar, especialmente materno, a criança aprende a pedir coisas, a mostrar se está contente, enfim, interagir com o mundo, em um primeiro momento utilizando linguagem não-verbal. A partir do instante que inicia a aquisição da linguagem, a criança descobre, pouco a pouco, um mundo novo de possibilidades e vê a linguagem como sua aliada nesta descoberta, trazendo um repertório infinito de questionamentos sobre o seu redor. Esta atitude é geralmente encorajada pelos pais até o momento em que seus filhos iniciam a vida escolar. A partir deste instante, o comportamento desejado é falar o menos possível para “ser capaz de aprender”. Toda a interação e a curiosidade construtoras do saber são desestimuladas.

Os professores, em sua grande maioria, interpretam a interação entre os alunos como indisciplina. Em parte esta ideia possui alguma verdade. Contudo, é possível que o assunto tratado pelos alunos com tamanho entusiasmo seja o mesmo que o professor tenta discutir em frente à classe. A voz do aluno somente é legitimada através da escrita em detrimento da fala. Por que o esquecimento da última é tão recorrente?

A produção oral deve fazer parte do dia-a-dia escolar. Sendo o aprendizado construído por cada indivíduo, estes deverão ter voz não apenas nas suas produções textuais, mas também levantando questões, e trazendo conhecimento inovador e não fazendo parte de uma suposta interação. Como ressaltam os RCs-RS (2009):

Se a expectativa é que o aluno permaneça em silêncio e só fale para responder a perguntas mecânicas, cuja resposta é conhecida por aqueles que sabem, pois é a suposta resposta certa, já ensinada pelo professor ou por um manual, o diálogo em sala de aula não será uma oportunidade de construir modos ricos, complexos e próprios de perguntar e dizer coisas sobre assuntos que dizem respeito ao conhecimento escolar em construção (p. 66-67).

A intervenção do aluno oralmente não deve ser reservada apenas para ocasiões em que as atividades a requerem, como, por exemplo, em debates, mas durante todo o processo de aprendizagem. O professor, como mediador de toda a prática educacional, deverá também assumir este papel em relação à tomada de turno de cada indivíduo para que haja uma certa organização.

2.3. O ensino através de gêneros e as sequências didáticas

Schneuwly & Dolz (2007), em uma tentativa de uma maior sistematização do francês como língua materna, defendem o ensino das habilidades orais e escritas através de gêneros, pois é através destes que as práticas linguísticas de fato realizam-se. Entende-se como *práticas* “aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história” (p. 51), resultando nas interações sociais, que, segundo os autores, são concretizadas por meios de gêneros. Daí a necessidade do currículo escolar estar baseado nos mesmos e não em conteúdos.

O estudo de cada gênero deve ainda apresentar-se por meio de sequências didáticas, ou seja, “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”(ibidem, p. 97). Estas atividades percorrem desde o primeiro contato com a temática e o gênero a serem analisados até a publicação da produção do aluno, elaboradas de um modo em que haja um aumento progressivo das habilidades e competências dos alunos

concernentes ao gênero em questão. As sequências didáticas propostas por Schneuwly & Dolz recebem o nome de conteúdos procedimentais nos RCs-RS (2009).

2.4. Conteúdos procedimentais da produção oral

De acordo com os RCs-RS (2009), o processo da aquisição dos domínios necessários à realização de uma boa produção textual deverá ser algo construído por uma unidade temática maior, não elaborada na perspectiva de lidar com conteúdos gramaticais específicos, mas centrada na apresentação de conteúdos procedimentais. Não é satisfatório apenas fazermos uma proposta de produção ao aluno sem antes termos contextualizado aquela temática e fornecido uma base que torne capaz uma produção significativa. Também é essencial na busca desta significação a especificação do interlocutor do texto produzido a fim de que o aluno sinta uma direção mais nítida que seu texto possa tomar e adequar seu estilo a ela. Conforme estes pressupostos, atividades “soltas” não mostram relevância na aprendizagem do aluno, pois a reflexão que propõem não possui segmento.

As etapas da aprendizagem nos gêneros escritos dividem-se, portanto nas que seguem:

- a. produção inicial;
- b. escrita coletiva;
- c. leitura de textos de referência;
- d. busca por conteúdos para a escrita;
- e. escrita individual;
- f. revisão final e
- g. publicação e resposta ao texto do aluno.

A produção textual oral mantém como conteúdos procedimentais os itens a, c, d, e e g, com as devidas alterações. Segue uma breve descrição de cada um dos conteúdos de acordo com os Referenciais.

2.4.1. Produção inicial

Na produção inicial, faz-se um diagnóstico do conhecimento prévio do aluno sobre o gênero a ser estudado e um levantamento de dificuldades que deverão ser

trabalhadas. Este procedimento é interessante também aos alunos, pois lhes permitirá descobrir suas dificuldades acerca do conteúdo, melhorando sua aprendizagem.

2.4.2. Leitura de textos de referência

Como dito anteriormente, para uma produção significativa de um determinado gênero deve haver antes uma análise de textos deste gênero para que os alunos adquiram as características particulares a ele, i.e., circulação social, características composicionais e elementos lingüísticos. Na produção oral do presente projeto esta etapa irá abordar o gênero assunto da produção final (o conto literário) e não textos orais.

2.4.3. Busca de conteúdos para a fala

Assim como na busca de conteúdos para a escrita, esta etapa é o momento da “coleta de dados”, ou seja, quando o aluno irá arrecadar informação de fontes diversas para a sua futura produção. O material não precisa situar-se necessariamente dentro do mesmo gênero trabalhado em aula; textos com uma temática em comum também podem ser úteis. O professor deve, entretanto, guiar o aluno na tarefa de adequar a informação coletada para a tarefa que deve ser realizada, realizando transformações entre os diferentes gêneros, algo enriquecedor para o desenvolvimento lingüístico:

[...] transpor informações de um gênero de discurso a outro pode exigir várias adaptações de linguagem. Essas atividades de retextualização podem servir a reflexões lingüísticas especialmente úteis quando a transposição se dá de gêneros orais para gêneros escritos e vice-versa. Como falar em uma entrevista oral e como escrever em uma entrevista escrita? Como utilizar os depoimentos que alguém deu oralmente em um texto de opinião? São muitas as possibilidades de trabalho⁴.

Tomando como exemplo o projeto apresentado, para a elaboração de um seminário sobre contos de mistério pode-se buscar informação em filmes, séries de TV, jornais com notícias de crimes, reportagens, etc. O essencial é proporcionar informação necessária ao aluno para que este escreva algo provido de significado.

⁴

Ibidem, p. 64.

2.4.4. Produção individual

Aqui estão presentes processos como o planejamento do texto, seleção dos objetivos do texto, delimitação do contexto e interlocutor e finalmente a produção em si e reelaboração do texto. É importante nesta fase que o professor esclareça devidamente os objetivos da produção e que os alunos possuam autonomia suficiente para avaliar o progresso do seu próprio trabalho.

2.4.5. Publicação e resposta ao texto do aluno

No momento final do projeto, é necessária uma avaliação construtiva da produção final e não a simples correção desprovida de diálogo. Além disso, a publicação dos trabalhos finais é importante para que o texto produzido alcance um interlocutor real e se faça válido na comunidade escolar. Um outro aspecto importante apresentado no texto é a importância do deslocamento do professor de avaliador para leitor comum do texto de seus alunos.

Por fim, é feita a ressalva de que, embora os textos orais sejam de caráter menos permanente que as produções escritas, aquelas devem da mesma forma sofrer avaliações progressivas e reformulações:

“Da produção inicial até a publicação do texto, é possível passar por etapas de preparação durante a qual intervenham avaliações e autoavaliações, com novas tentativas de produção entremeadas por tarefas de aperfeiçoamento inerentes ao planejamento, à busca de conteúdos, à produção de textos escritos de apoio, roteiros, etc. Assim, a atividade de reelaboração do texto oral não é idêntica à reescrita, mas deve ser enfatizada⁵”.

A necessidade de um trabalho mais efetivo na sala de aula que vise o desenvolvimento das habilidades orais em diversos segmentos do Português e da Literatura (narrar um acontecimento, seja ele literário ou não, discorrer acerca de um determinado assunto com um mínimo de propriedade e expressar com eficácia sua opinião) é inquestionável. Meu estágio de docência em Português com o primeiro ano do Ensino Médio em uma escola carente fez-me perceber que a situação real é muito pior do que é comumente imaginado: alunos com nove anos de escolaridade — ou mais, no caso de vários— produzindo enunciados

⁵

Ididem, p. 67.

completamente desprovidos de significado ou, nos casos mais amenos, demasiado simplórios para aquela faixa etária.

É evidente que a dificuldade dos alunos na expressão através das habilidades orais vem acompanhada de problemas existentes também nas outras competências. O objetivo de desenvolvimento deve ser conjunto e não apenas estar presente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, já que, como dito anteriormente, esta capacidade está no âmbito das competências. Porém a narrativa de histórias está presente com a criança bem antes da sua alfabetização⁶, constituindo uma das primeiras etapas do longo processo do letramento. Com o passar dos anos o aluno adquire a capacidade de compreender e contar histórias mais complexas, mas a curiosidade da primeira infância deve permanecer igual.

⁶

Para um estudo da literatura infantil e juvenil, ver Colomer (2003).

4. A ESTRUTURAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA PROPOSTA

4.1. Objetivo

O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta do projeto *A arte nada elementar de solucionar mistérios*, elaborado visando alunos do 1º ano do Ensino Médio e que apresenta o conto literário como gênero norteador, em específico o conto de mistério e crime. Como a produção final é constituída em um seminário a ser apresentado em pequenos grupos sobre um conto pertencente à temática, a produção oral será a principal prática no decorrer do projeto. As atividades em aula deverão aprimorar as habilidades dos alunos em exporem seu ponto de vista, construindo saberes conjuntos, utilizando, desta forma, a língua de forma real.

4.2. Considerações sobre o material didático

O material didático elaborado divide-se em duas partes, a primeira destinada ao aluno e a segunda, ao professor, sendo cada parte subdividida por conteúdos procedimentais, já explicitados no capítulo anterior. O projeto tem como base uma das propostas de unidades temáticas apresentada nos RCs-RS (2009, p.246). Abaixo é apresentada a lista com os principais objetivos de ensino, os conteúdos e competências e habilidades a serem alcançados.

4.2.1 Objetivos de ensino

Ao final da unidade, os alunos deverão ser capazes de:

- a. Ler contos literários, compreendendo os principais elementos pertencentes ao gênero e os que o diferenciam de outros gêneros narrativos;
- b. produzir explicações orais acerca do gênero acima citado, resgatando aspectos estudados e sistematizando os acontecimentos principais da obra escolhida e seus elementos narrativos;
- c. compartilhar o conhecimento adquirido/ construído em aula com outros alunos, por meio da divulgação de dicas de outras histórias.

4.2.2. Conteúdos relacionados

- a. Conto: principais aspectos estruturais e diferenciação entre conto e romance.
- b. Contos da literatura estrangeira (A faixa manchada, de Arthur Conan Doyle e Os assassinatos da Rua Morgue, de Edgar Allan Poe) e brasileira (Se eu fosse Sherlock Holmes).
- c) Os tempos verbais empregados na narração remota (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito);
- d) a inferência do significado de uma determinada palavra através do contexto;
- e) a utilização dos elementos da norma padrão em exposições orais.

4.2.3. Competências/habilidades

Como consequência do estudo do gênero conto e do seminário realizado em aula, ao final do projeto os alunos serão capazes de:

- a) expressarem-se oralmente acerca de uma determinada obra literária;
- b) comparar textos do mesmo gênero e de gêneros diferentes criticamente;
- c) reconhecer as diferenças entre os tempos verbais empregados na narrativa;
- d) utilizarem uma determinada variante lingüística de acordo com a prática social em questão.

4.3. Gêneros estruturantes

O presente trabalho norteia-se em dois gêneros principais: o conto literário, mais precisamente narrativas de crime e mistério, e o seminário escolar, os quais envolvem na sua profundidade a leitura e a fala, respectivamente. Trata-se, portanto, de gêneros que envolvem competências bastante diversas. Porém, procurou-se aqui elaborar o projeto de forma que este de fato formasse uma unidade temática e não apresentasse uma divisão distinta entre a parte literária e do tratamento da linguagem. O mesmo procurou-se fazer sobre o trabalho da oralidade e da leitura: há uma teia unindo a análise literária e os aspectos lingüísticos envolvidos. Como dito anteriormente, não há razão de separação entre as duas partes, já que ambas lidam com o mesmo objeto. Por analogia, a análise

estrutural e interpretativa do conto é interligada a sua análise lingüística e ao desenvolvimento das habilidades orais, pois os contos estudados serão o objeto da fala dos alunos.

4.4. Gênero e formação do leitor

Geraldi (2003), assumindo uma concepção bakhtiniana, concebe a leitura como um processo dialógico entre o leitor e o autor, exemplificando a teoria como um bordado, o qual é emendado a um outro, constituindo simultaneamente o mesmo e outro bordado, sendo o leitor o “rendeiro”. Nesta perspectiva, o leitor não é um simples receptor do texto, mas sim é parte dele, pois traz um conhecimento próprio dele e único. Ainda segundo o autor, a razão da falsa ideia do autor como possuidor único do significado do seu texto é a também equivocada ideia da total transparência do texto.

Apóio-me nesta reflexão para justificar a importância da voz do aluno no projeto em questão. Como lidamos com sujeitos participantes do texto, suas opiniões jamais devem ser silenciadas. Por esta razão, a natureza de grande parte das perguntas apresentadas procura não restringir as respostas dos alunos ao óbvio.

4.5. Resumo do capítulo

Este capítulo buscou tornar claro os principais objetivos da unidade proposta e as competências e habilidades a serem desenvolvidas. Os conteúdos relacionados aos gêneros foram listados e estarão presentes de modo contínuo no projeto. Fez-se também uma breve justificativa da união dos dois principais gêneros e os objetivos de sua presença.

A arte nada elementar de solucionar mistérios

Se você costuma ter algum contato com jornal ou olha o noticiário da TV, deve ver a quantidade de crimes de todos os tipos que acontecem. Na verdade, saiba que este problema vem acompanhando o homem desde os tempos mais remotos. Acontece que, às vezes, não sabemos quem foi o criminoso ou como exatamente o crime aconteceu. Saiba que este tipo de mistério, na ficção, pode gerar muitas histórias legais.

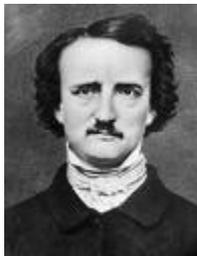


Para começar a conversa

Nesta unidade, iremos refletir um pouco sobre o crime na literatura e o prazer que todos temos em desvendar o mistério no final da história. O crime, mesmo sendo obviamente algo errado, é tema universal, isto é, está presente em nossas vidas independente de estarmos no séc. XXI ou na época de Cristo, ou morarmos no Brasil ou no Oriente Médio. Isto é, talvez, o motivo pela grande curiosidade que nos proporciona nas histórias onde ele é retratado. Em muitas destas histórias, o que prende o leitor é o mistério a ser resolvido: o autor deste crime.

No final desta unidade, você e seus colegas irão apresentar um seminário para as 9^{as} séries falando sobre um conto diverso aos que serão estudados em aula, porém com a mesma temática, compartilhando tudo que você aprendeu. Por isso fique atento nas aulas!

Preparação para a leitura



O primeiro conto a ser lido é considerado o precursor da literatura policial. Além de haver criado o primeiro "detetive", o norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) ainda foi o pioneiro em utilizar o artifício do quarto fechado, como veremos também no texto a ser lido seguido deste.

Leitura silenciosa

Leia o conto abaixo refletindo sobre a seguinte questão:

Você acha que os mistérios sempre podem ser explicados da maneira mais simples?



Retirado de: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Estudo do texto

1. Como dito anteriormente, há uma série de contos deste mesmo gênero nos quais os crimes ocorrem em quartos fechados, sendo o desafio da polícia – e do leitor – descobrir como a entrada do assassino ocorreu. Nesta narrativa:

A) Como o criminoso obteve acesso ao quarto?

B) O que Dupin pode ter dito com a frase “Só nos resta provar que essas aparentes ‘impossibilidades’, na verdade, não o são”?

2. Como outros mistérios semelhantes, este, na apresentação dos fatos, é sabiamente descrito ao leitor de maneira que o conduza ao senso-comum, atribuindo-lhes a acontecimentos inexplicáveis ou sobrenaturais. Releia o 1º parágrafo do texto e responda: qual a característica que difere um bom analista da maioria das pessoas?

Pensando no gênero

Poe afirma no ensaio *A teoria da composição* que o conto deve ter uma duração que permita sua leitura de uma só vez, a fim de que a unidade de efeito, ou seja, a excitação causada no leitor não pereça. Esta é uma das características do conto: a brevidade, a qual não está presente no romance.

Há ainda outras diferenças entre o conto e o romance. O escritor argentino Julio Cortázar, por exemplo, afirma que no conto o final da história coincide com o desenlace dos acontecimentos, ou seja, no caso dos contos desta unidade, com o fim do mistério. O leitor, assim, permanece extasiado até o final. Relembre o último romance que você leu e pense se esta teoria se confirma.

Linguagem

Volte ao conto *Os assassinatos da Rua Morgue* e responda à seguinte questão:

O texto, como já estudamos, divide-se em uma parte dissertativa e outra narrativo-descritiva.

A) Qual o tempo verbal utilizado no primeiro caso e qual o motivo de sua escolha?

B) Responda a mesma pergunta referente ao segundo caso.

Preparação para a leitura

Nas narrativas de mistério ou policiais, a figura do detetive é muito presente, como iremos ver mais algumas vezes nesta unidade. O mais famoso personagem é, sem dúvida, Sherlock Holmes, criado pelo escocês Arthur Conan Doyle.



Sir Arthur Conan Doyle (1859- 1930) nasceu em Sussex e escreveu mais de 60 histórias sobre Sherlock Holmes, além de vários outros gêneros. É interessante que seu personagem fosse tão convicto do valor das coisas palpáveis e possíveis de análise sendo Conan Doyle religioso (era discípulo do espiritismo) e místico (acreditava em fadas).

Leitura silenciosa

Leia agora o conto intitulado **A faixa manchada** e faça uma lista no decorrer da narrativa com os acontecimentos-chave.

Glossário:
inocular: introduzir veneno
silvo: assobio



Retirado de: DOYLE, Arthur Conan. *O roubo da coroa de berilos e outras aventuras*. Tradução de Antonio Carlos Vilela. Título original em inglês: *The adventures of Sherlock Holmes*. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

Estudo do texto

Responda às questões abaixo, voltando ao texto sempre que necessário:

1. Quem é o narrador da história?
2. Há basicamente dois tipos de narrador. O primeiro é aquele que se faz presente nos acontecimentos, sendo, de alguma forma, um personagem na narrativa. O segundo tipo é uma espécie de "entidade" que não se faz presente na ação em si. Diz-se que os dois tipos de narradores aqui definidos estão em 1ª e 3ª pessoa, respectivamente. Como classifica-se o narrador de *A faixa manchada*?
3. Em alguns casos é preciso decidir qual o sentido de uma determinada palavra encaixa-se melhor no contexto. Helen Stoner conta à Holmes que pediu sua ajuda por recomendação de outra dama, a sra. Farintosh. O detetive responde:
"— Farintosh – ele disse. -Ah, sim, agora me lembro. Dizia respeito a uma tiara de *opala*. Foi antes de nos conhecermos, Watson. Só posso dizer, minha senhora, que ficarei feliz ao dedicar ao seu caso a mesma atenção que dediquei ao de sua amiga".

Observe duas definições do termo destacado retiradas do dicionário Aurélio:

opala. *s. f. Min.* 1. Mineral tipicamente coloidal, produto de dessecação do hidrogel de

sílica, que apresenta coloração leitosa e azulada, emitindo, quando exposto à luz, cores vivas e reflexos matizados. 2. Bras. Espécie de tecido de algodão.

Qual das duas definições aplica-se melhor ao texto? Explique.

Linguagem

Vamos fazer pensar agora em formas coloquiais x formais, observando o trecho a seguir:

"Sherlock Holmes disse o que ia fazer, indicando um gabinete próximo: -Eu vou para aquele gabinete. Cada uma das senhoras fecha-se ali em minha companhia por cinco minutos".

A) Considerando estritamente uma variante mais formal do Português, como estas formas estariam apresentadas?

B) De acordo com a resposta do item anterior, qual das duas variantes você utiliza no dia-a-dia? Faça uma lista de contextos orais e escritos (ex. conversas com os amigos, e-mails, trabalhos escolares, etc) e diga qual das variantes é preferencial. Lembre-se: a forma com a qual você se expressa pode variar em um mesmo contexto dependendo de quem é o seu interlocutor. Um e-mail a um amigo pode ser diferente de um e-mail a um professor, por exemplo. A lista será discutida com a turma.

Para pensar um pouco

Observe o trecho retirado de A faixa manchada, quando Helen narra a terrível morte da irmã:

"Reconheci a voz de minha irmã. Pulei da cama, coloquei um xale e disparei para fora do quarto".

De maneira geral, o gênero narrativo é apresentado no passado, salvo casos em que a ação ocorre no momento exato do relato. Mas você sabe explicar o porquê da escolha do pretérito perfeito e não do imperfeito?



O **pretérito perfeito** possui a ideia de pontualidade, isto é, uma curta extensão de tempo, além de indicar uma única ocorrência.

Ex.: "De repente, uma luz brilhou na direção da abertura, mas logo desapareceu. Senti então o cheiro de óleo queimando e metal aquecido"(A.C.D.).

De olho na tela



O personagem de Conan Doyle já foi retratado diversas vezes na TV e no cinema. O filme mais recente traz Robert Downey Jr. e Jude Law como a dupla Holmes e Watson (Sherlock Holmes, de Guy Ritchie).



Vamos assistir a um episódio da série produzida entre 1984 e 1994 pela companhia inglesa Granada.

Linguagem

Volte agora ao texto de Conan e responda:

1. "Uma moça vestida de preto, com um veu pesado, que sentava junto à janela, levantou-se quando entramos".
Por que o autor utilizou diferentes tempos verbais no trecho?

2. Leia o trecho abaixo, observando o uso de um terceiro tempo verbal. Neste momento Helen Stokes está prestes a contar a tragédia ocorrida com sua irmã. "Sherlock Holmes estivera recostado em sua poltrona, com os olhos fechados e a cabeça apoiada numa almofada. Naquele momento, contudo, entreabriu as pálpebras, olhando para nossa visitante".

Veja que todo o trecho está no pretérito, contudo há uma ordem cronológica nas duas orações. Qual delas ocorreu primeiro? Como é feita esta diferenciação?



O **pretérito imperfeito** possui a ideia de duração, quando "nos transportamos a uma época passada e descrevemos que era então presente (Cunha & Cintra, Nova Gramática do Português Contemporâneo)":

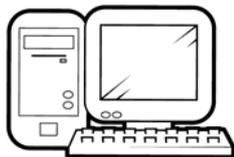
"A falecida e sua filha ocupavam a casa em que os cadáveres foram encontrados havia mais de seis anos. Antes, era ocupada por um joalheiro que sublocava os aposentos de cima a várias pessoas" (E.ª P.).

Dançava-se, ouvia-se boa música e quase sempre ela exibia algum número curioso [...]" (M. e A.).

Este tempo verbal é largamente utilizado em narrações, como na seguinte:

"Era um dia perfeito, com o sol brilhando e umas poucas nuvens no céu. Árvores e arbustos começavam a verdejar e o ar rescendia a terra úmida. Para fim, havia um contraste entre a simpática primavera que despontava e a jornada sinistra em que nos metíamos" (A. C. D.).

Utilizando o computador



Neste momento, vamos fazer algo semelhante a uma parte do projeto final. Você deverá fazer uma pequena apresentação escrita sobre o conto **A faixa manchada**, destacando, pelo menos, os seguintes aspectos:

- os principais personagens e uma breve descrição sobre sua personalidade;

- onde (espaço) e quando acontece a história (tempo);

- e os principais acontecimentos. Podemos dividi-los em: o problema (complicação), o momento de maior tensão (clímax) e a solução do problema (desfecho);

- se possível, um comentário do grupo em relação à história (as impressões, os aspectos que mais ou menos gostaram, etc.)

Para tal tarefa, você contará com o auxílio do programa **Power Point**, uma ferramenta que torna os seminários muito mais interessantes e fáceis de serem entendidos, pois o público pode ler o principal do que está sendo apresentado na tela. É como fazer cartazes, com a vantagem que o texto pode ser reescrito quantas vezes você quiser e é só clicar para mudar de tela.

Para ver um exemplo de apresentação, pesquise no Google os termos “apresentação ppt”. Os links que começarem por “ppt” serão apresentações.

Glossário:

slide- cada um dos “cartazes” de uma apresentação; do inglês “deslizar”.

Montar uma apresentação é fácil. Siga os seguintes passos:

1. Após abrir o programa, você verá um slide em branco. É ali que o texto deverá ser digitado. Observe que existe duas caixas de texto: uma para o título e outra para o texto em si. Se você desejar outro modelo (com imagens, lista, gráficos, etc.), clique no menu **Formatar, Layout do slide** e aparecerão várias opções.

2. Quando desejar fazer um segundo *slide*, clique com o botão direito na janela esquerda, embaixo do slide pronto e em **Novo slide**.

3. Para personalizar as cores da apresentação, clique novamente em **Formatar** e então em **Design do slide**. Escolha um modelo clicando com o botão direito e clique em **Aplicar a todos os slides**. Você ainda pode mudar as cores usadas em **Esquemas de cores**.

4. Para visualizar o andamento da sua apresentação, clique na tecla **F5**.

Abaixo vão algumas sugestões para uma apresentação de qualidade:

- Dedique o primeiro slide ao título da apresentação e aos nomes dos componentes dos grupos.

- A partir daí, introduza cada tópico com um título. Você pode fazer pequenos parágrafos ou somente enumerar as informações.
- Cuide para não criar slides com muito texto. Isto dificulta a leitura.
- Fique atento às cores escolhidas. Temas berrantes dão um visual feio ao trabalho. Além disso, a cor do texto deve ter um bom contraste em relação ao fundo para facilitar a leitura.

Para pensar um pouco

Refleta sobre as seguintes questões:

- Na escola, como foi discutido no item acima utilizamos uma variante mais aproximada do Português padrão quando escrevemos. E quando falamos?
- Na apresentação de um trabalho, por exemplo, como você acha que deve ser a sua linguagem?

Tarefa preparatória para o trabalho:

Procure na internet ou compareça a uma aula de literatura de alguma universidade com os membros do seu grupo. Preste atenção sobre os seguintes tópicos, fazendo anotações:

- a) Como o professor estrutura seu discurso (introdução, desenvolvimento e conclusão)?
- b) Descreva a linguagem utilizada por ele, pensando na reflexão em aula sobre a adequação de nossa fala aos diferentes contextos. Compare a sua lista com a de seus colegas discutindo quais destas adequações serão necessárias na sua apresentação.
- c) Em relação ao tempo, você acha que alguns assuntos poderiam ser melhor explicados? Caso a aula tenha sido entediante, qual foi o motivo?
- d) Fique atento à postura do professor. Para onde ele dirige o olhar? Qual é o seu tom de voz? Ele fala de modo rápido ou mais pausadamente?

Preparação para a leitura

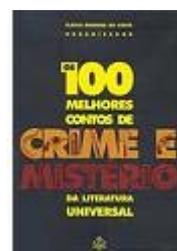
Neste último conto, temos a presença de um escritor brasileiro chamado **Medeiros e Albuquerque** (1867-1934), o qual escreveu juntamente com Afrânio Peixoto, Coelho Neto e Viriato Corrêa a primeira obra policial brasileira, *O mistério*, de 1920.

Leitura silenciosa

Leia o texto refletindo sobre a seguinte questão:

- Qual a mudança de tom deste conto comparado aos anteriores?

Glossário:
diligências- investigações
maçada- incomodação



Carneirinho, carneirão- cantiga infantil

Retirado de: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Estudo do texto

1. Em relação ao narrador, qual a mudança percebida entre este conto e os anteriores?
2. Qual o sentido expresso por Alves Calado no enunciado: “- Não apanhavas nem o ladrão que roubasse o obelisco da Avenida!”? Como esta fala apresenta-se em relação irônica com a primeira do mesmo personagem?
3. Uma habilidade do bom leitor é deduzir o significado de uma palavra através de seu contexto. Quando o personagem pede ao telefone um perito em *datiloscopia*, a que profissional ele se refere? Olhe alguns parágrafos antes e depois para responder.

Linguagem

Observe novamente o conto de Medeiros e Albuquerque.

1. “Sinhazinha era sobrinha de Madame Guimarães; casara-se pouco antes com um médico de grande clínica”.
“Declarei, então, que tinha pensado em casar-me. Antes, porém, procurara obter um lugar na Inspetoria de Iluminação”.
As duas orações mostram duas variações de um tempo verbal: uma locução verbal (composta) e uma forma sintética (simples).
A) Na locução verbal, qual outro verbo poderia substituir “tinha”?
B) Qual das duas opções é a mais formal?
Por que você acha que o autor fez a escolha de formas diferentes para o mesmo tempo verbal?



O **pretérito mais-que-perfeito** refere-se a uma ação já ocorrida antes de outra também no passado:

“Quando Sinhazinha chegara, subira logo. Graças à intimidade que tinha na casa, onde vivera até a data do casamento, podia fazer isso naturalmente” (M. e A.).

“[...] por uma variedade de acontecimentos infaustos, fora reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbira, e ele deixara de frequentar o mundo, ou de cuidar da recuperação de sua fortuna”(E. A. P.).

Observe que a forma simples é somente encontrada na escrita e, mesmo assim, em contextos mais formais. Nos demais casos, a forma composta é sempre escolhida:

“Por que era lá que tinha estado a joia” (M. e A.)

Dicas para a pesquisa

Na apresentação final, o grupo poderá fazer um estudo comparativo com o conto escolhido (incluindo os trabalhados em aula) e alguma obra de outro gênero. Abaixo são apresentadas algumas dicas:

Filmes: visite sites sobre cinema e ligue para video-locadoras maiores. Em ambos os casos sempre há boas dicas por gênero.



Livros:
 → se você
 mais sobre
 ótima

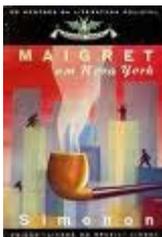


desejar saber
 contos, há uma
 antologia do

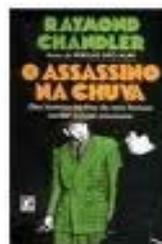


tema: *Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal*, de Flávio Moreira da Costa. O volume abrange contos policiais, clássicos milenares, contos fantásticos e mais.

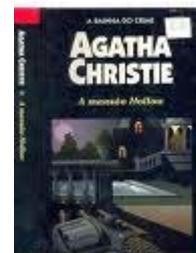
→ Se você procura romances uma boa dica são os thrillers norte-americanos. É interessante compará-los aos contos vistos aqui e verificar as mudanças ocorridas no gênero. Os autores mais conhecidos são Agatha Christie, George Simenon, Raymond Chandler, entre outros.



brincar
 de
 do
 dica.



→ Você
 pode
 também



com o humor no gênero. Há vários autores crônicas que desconstruem a figura astuta detetive. O "detetive" Ed Mort é uma boa dica.



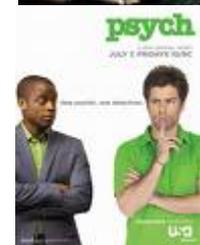
Séries de tv:

→ Atualmente o gênero policial é bastante explorado na tv paga, indo do suspense até o humor. Se não tiver acesso a ela, vá até uma video-locadora e alugue uma temporada completa para entender o perfil da série escolhida.



Quadrinhos:

Se você é fã de histórias em quadrinhos pode fazer a relação entre alguma que envolva mistério e as aulas.



Produção oral e escrita

1. Reúna-se com seus colegas do grupo e organizem os tópicos que pretendem apresentar, como se estivessem elaborando a apresentação no computador. Após isso, estipulem a parte que cada um irá falar. Procure organizar as informações em uma sequência lógica para facilitar a compreensão dos colegas.
2. Com o auxílio do gravador, ensaiem a apresentação, atentos para não estourarem o tempo cedido. Ouçam a gravação e façam um pequeno relatório dos pontos positivos e dos tópicos que precisam de melhorias. Observem também os aspectos formais do texto escrito: pontuação adequada, ortografia correta, frases inteligíveis. Entregue o esboço ao professor.
3. Siga as dicas do professor e seu seminário está pronto. Como dever de casa digite com seus colegas a versão final dos slides.
4. Lembre-se: procure não contar aos demais colegas o final do conto apresentado! Você não gosta quando um amigo seu conta o final do filme que você ainda não viu, não é? Procure instigar seus colegas a lerem a obra. Boa apresentação!

Para continuar a conversa



Que tal compartilhar com os outros alunos da escola o que você aprendeu? Você e seu grupo podem divulgar na rádio da escola os contos, romances, filmes, etc. que acharam interessantes. É possível que você descubra através dos novos amigos mais dicas legais deste e de outros assuntos!

Auto-avaliação

1. O que você achou do tema proposto?

A partir da unidade e das pesquisas feitas fora da sala, quanto você aprendeu sobre:	nada	pouco	razoável	muito
as principais características do conto				
as narrativas de mistério e detetive				
as diferenças entre a				

linguagem oral e escrita				
as diferenças entre os tempos verbais pretéritos em narrativas				
como fazer uma apresentação oral				

2. Você tem algum comentário adicional?

Considerações sobre planejamento

Para começar a conversa

Após a leitura silenciosa do parágrafo, a seguinte pergunta seria feita para o grande grupo:

- Você lembra de alguma história com estas características? Você pode citar um filme, um episódio de série de TV, uma peça, etc.
- Se afirmativo, conte ao colega ao lado um breve resumo da história e seu final, procurando não ocultar detalhes que sejam importantes para que seus colegas entendam a solução.

Em seguida, alguns alunos seriam chamados para contar a sua história para a turma. Esta primeira produção oral é uma espécie de introdução do tema e de algumas das competências em jogo na unidade. Alunos com diferentes níveis de aprendizagem seriam escolhidos para um levantamento médio das habilidades orais e narrativas do grupo. Uma última pergunta ainda seria feita com os objetivos já explicitados acima, desta vez sobre o gênero conto:

- Você já leu algum conto? Qual foi o último? Foi uma leitura agradável?

Preparação para a leitura

Os alunos seriam alertados de que a pergunta presente não deveria ser respondida por escrito, mas sim serviria como reflexão à leitura a ser feita. O conto, por sua vez, lido como tarefa extraclasse por sua extensão no prazo de uma semana. Por possuir muitas palavras dificilmente familiares aos alunos e outras em vários idiomas, seria sugerido aos alunos somente procurarem a definição no dicionário daquelas cuja incompreensão comprometa o entendimento do restante do trecho.

Estudo do texto

Em aula, os alunos responderiam às perguntas por escrito, sendo sempre possível a troca de informações em pares. Após a correção das mesmas, as seguintes questões seriam discutidas no grande grupo:

A. Olhando para o texto como um todo, qual a relação da parte dissertativa que antecede a narração e a quem o narrador pode estar se referindo?

B. Como são explicados os seguintes fatos curiosos que estão envolvidos no crime?

- os pelos achados na mão de uma das vítimas
- o uso da navalha no assassinato
- a imprecisão do idioma falado pela voz mais aguda do quarto
- a inexistência de roubo de valores das vítimas
- o corpo de uma das vítimas na chaminé

C. Pense na situação do marinheiro. O que você faria em seu lugar?

D. Após a leitura, responda:

- Em quanto tempo você leu este conto?
- Houve interrupções? Se afirmativo, estas causaram alguma mudança no efeito que o texto causou em você?

Pensando no gênero

Aqui os alunos, através da leitura, são introduzidos a algumas características pertencentes ao conto. A questão pode ser brevemente discutida em duplas.

Linguagem

A questão seria discutida em duplas e, posteriormente, brevemente explicada para o grande grupo. Os alunos acompanhariam a leitura do seguinte trecho do conto, que traz o depoimento de uma das testemunhas:

“ A velha senhora e sua filha pareciam viver em bons termos - muito carinhosas, uma com a outra. Eram excelentes pagadoras. [...] Acredita-se que Madame L. lia a sorte para ganhar sustento. Tinha fama de possuir dinheiro guardado. Tinha certeza de que elas não dispunham de criados a seu serviço”.

A seguinte questão seria levantada:

- Quais dos verbos presentes indicam hábitos das vítimas? Qual a similaridade entre todos estes verbos?

Em seguida, os alunos seriam solicitados a escrever este trecho caso as vítimas ainda estivessem vivas. Na correção, a diferença entre as duas sentenças que empregam o verbo *ter* seria explicitada.

Preparação para a leitura e leitura silenciosa

Novamente a leitura do conto realizar-se-ia com uma semana de antecedência, sendo uma tarefa extraclasse. Na solicitação da leitura, seriam feitas seguintes questões introdutórias:

- Você já ouviu falar deste personagem? Se afirmativo, o que você sabe sobre ele?
- Sherlock Holmes possui um fiel amigo, o qual o acompanha na maioria de suas aventuras. Qual o nome dele? Se possível, tente lembrar da frase mais famosa de Holmes.

Na medida em que a leitura fosse realizada, os alunos perceberiam que os acontecimentos eleitos como chave do mistério possivelmente seriam pistas falsas.

Estudo do texto

A realização desta tarefa seguiria um procedimento semelhante ao primeiro Estudo do texto. Após os devidos comentários, os alunos deveriam formar grupos, sendo cada grupo responsável por uma das seguintes questões que serão entregues:

Tanto no conto de Poe como no conto de Conan Doyle, é feita uma minuciosa descrição dos aposentos das casas onde ocorrem os crimes. Por que esta informação é importante?

Na sua visita à casa de Holmes, Helen Stoner conta brevemente ao detetive a história da família Roylott, a qual ilustra a decadência da aristocracia inglesa no fim do séc.

XIX. Caso semelhante ocorre à família morta no conto anterior. Indique algumas passagens do último texto que mostram este fato.

Como os bens da família Stoner estão relacionados ao motivo da morte de Julia Stoner e a tentativa de assassinato de sua irmã?

É comum nas histórias detetivescas a apresentação de um certo excesso de informações, onde o autor embaralha fatos essenciais para a revelação do enigma. Dentre os elementos abaixo, quais são importantes para a compreensão da morte de Julia Stoner:

coleira de cachorro em formato de laço

janelas ligando o corredor ao interior da casa

a campainha falsa

a presença de ciganos nas plantações

o babuíno

Explique a importância de cada um.

Em *A faixa manchada*, podemos observar uma estrutura bastante presente nas aventuras de Sherlock Holmes. Ela é descrita abaixo.

as estratégias do detetive para solucionar o caso, onde a narrativa chega a seu clímax;

o pedido de auxílio do cliente, o qual faz a explanação do problema. Aqui, pelo fato do mesmo não conhecer as pistas importantes, o leitor é provido de informações não essenciais para despistá-lo do caminho correto, como vimos anteriormente;

o comentário inicial do narrador sobre a impressão que o crime lhe causou particularmente;

a explicação de Holmes sobre seu raciocínio;

o exame do local por Holmes, momento em que mais informações são dadas

Organize-as de acordo com o desenvolvimento do texto.

Leia novamente a explicação da dedução de Holmes no desenvolvimento do mistério. Todas as informações fornecidas lá são antigas previamente conhecidas

para o leitor? Você acha ter sido possível a sua solução antes de ler este trecho final? Qual a estratégia do autor ao fazer isto?

Compare Dupin e Holmes e aponte semelhanças e diferenças entre os dois detetives.

Os grupos discutiriam e apresentariam a sua questão e a interpretação da mesma.

Linguagem

Este é um dos momentos que reflexão dos alunos sobre as diferentes práticas sociais, que exigem diferentes escolhas lingüísticas. A discussão teria como questão principal a reflexão sobre a diversidade de atividades do dia-a-dia em que a linguagem é essencial e como esta deve adaptar-se em cada situação.

Para pensar um pouco

Esta seção teria como objetivo trazer novamente a reflexão sobre as diferenças de uso dos tempos verbais na narrativa, não sendo necessária no momento uma discussão sobre o tema. Os alunos deveriam somente fazer a leitura do tópico, já que este assunto será retomado em um momento posterior.

De olho na tela

Na sala de vídeo, seria apresentado um trecho do episódio com a história lida em aula⁷, pois é interessante o contato dos alunos com a mesma obra sob diferentes formas artísticas. Embora o vídeo esteja em inglês, não apresentaria problemas na compreensão do enredo e dos personagens, já que há evidências não-lingüísticas suficientes para guiar o telespectador (a própria imagem, a entonação de voz, os gestos, a mudança de cenas). Após o visionamento, haveria a discussão dos seguintes tópicos:

- Identifique os personagens presentes no vídeo. Como você os identificou?
- Que momento da narrativa foi apresentado?
- Há diferenças entre as duas obras? Se afirmativo, explique.

⁷

Fonte:

- Os personagens aqui retratados são de acordo com a forma imaginada por você antes do vídeo? O que foi diferente?

Linguagem

O uso do pretérito é retomado, acrescentando-se a reflexão sobre o pretérito mais-que-perfeito. Os alunos deveriam tentar responder as perguntas por escrito. Ao final, uma breve explicação seria fornecida.

Utilizando o computador

Esta aula, realizada na sala de informática, teria como objetivo familiarizar o aluno com o *software*, que seria empregado na produção final, e verificar o crescimento dos alunos em relação ao conto literário e suas características. Os termos técnicos literários para cada uma das partes são, neste momento, introduzidos na unidade. O último tópico que deveria ser abordado na apresentação verifica a leitura crítica dos textos analisados em aula, pois faz o aluno posicionar-se em relação a eles.

Este é o primeiro momento em que a produção final seria lembrada. Aqui, o grupo já teria tido contato com duas leituras dentro do gênero proposto e com as partes que formam a narrativa. A produção proposta teria como objetivo os itens já mencionados na produção oral. O desejável seria a formação dos grupos prevendo a produção final. O andamento da atividade seria supervisionado, sempre com a prestação de auxílio. Após o seu término, os *slides* seriam mandados pelos alunos por e-mail para o restante da turma, sendo a minha avaliação — desprovida de nota — também respondida pela internet. Na aula posterior, as semelhanças e diferenças entre as apresentações seriam brevemente discutidas, em principal as incoerências em relação ao conto e as inadequações mais recorrentes.

Para pensar um pouco

Esta segunda seção reflexiva busca fazer o aluno pensar sobre a adequação lingüística mesmo no meio oral. Falar sobre oralidade — e, para os alunos, em apresentação oral — poderia levar ao falso julgamento de uma modalidade da língua de caráter unicamente informal em comparação com a escrita, mais formal. A reflexão desta seção indica ao aluno ser a oralidade passível de diferentes registros, e no caso da produção final, uma escolha de formas mais aproximadas da escrita deveriam ser feitas. Novamente, as perguntas reflexivas não necessitam serem respondidas.

Tarefa preparatória para o trabalho:

O contato com um falante mais letrado possibilita um exemplo norteador para o aluno para a sua apresentação oral em dois aspectos. O primeiro, é a estruturação do discurso do falante, o qual, semelhantemente a um texto escrito, possuirá uma introdução ao tema, o desenvolvimento e a conclusão. O segundo diz respeito às escolhas lingüísticas do falante adequadas àquela prática em especial. Em aula, seria explicado aos alunos que o mesmo indivíduo apresentará variações na sua fala dependendo do contexto situacional em que está inserido, como mostra Antunes (2003). Esta explicação é importante, pois desconstrói a concepção do aluno sobre a fala errada x a fala correta.

Preparação para a leitura e leitura silenciosa

Ambas as atividades poderiam ser realizadas em aula devido à brevidade do conto e ao seu teor mais relaxado, o que é indagado dos alunos antes da leitura silenciosa.

Estudo do texto

O mesmo procedimento realizado nas outras duas leituras aplicar-se-ia aqui. Após a discussão, cada um dos grupos ficaria responsável pela apresentação de uma das perguntas abaixo:

Perceba que o nome do narrador/ personagem não é mencionado em nenhum momento. O que isto causa na caracterização do personagem?

Após a solução do furto, como ficou a reputação do personagem principal? Por quê?

Se o narrador já havia descoberto o autor do furto do anel, por que resolveu interrogar no gabinete todas as damas?
"Se esse Sherlock fez com todas o mesmo que fez comigo, vai ser um fiasco absoluto". O que Sinhazinha Ramos pode ter dito com isto?

Pense na unidade do texto e na sensação que lhe causou. Ela foi a mesma sensação da causada pelo texto de Poe? E de Conan Doyle? Como você descreveria o teor deste conto?

O que se pode inferir do texto sobre o atual *status* da carreira do personagem principal perante os presentes na festa? Por quê?

Linguagem

Aqui é trabalhada a forma composta do pretérito mais-que-perfeito, a mais comumente usada no Português atualmente. As perguntas seriam respondidas no caderno, se desejável, em duplas. Na correção, as ocorrências na língua das formas simples e composta do tempo verbal, a diferença de efeito entre o uso dos auxiliares *ter* e *haver* na locução verbal e a alternância da forma simples e composta no trecho seriam explicadas.

Dicas para a pesquisa

Este material consiste em dicas para a escolha do assunto abordado no seminário.

Produção oral e escrita

Neste momento, os alunos iriam planejar o conteúdo a ser apresentado no seminário. Os tópicos que estariam presentes nos slides seriam primeiramente escritos à mão conjuntamente, a fim de que a mídia não dificultasse a elaboração textual.

Após a decisão dos pontos a serem tratados, os alunos seriam instruídos a elaborarem a parte oral do trabalho. Seria importante neste momento o controle da turma em relação ao barulho. Os alunos deveriam gravar a apresentação diversas vezes, sempre após fazer uma avaliação do que ainda precisa melhorar.

Na correção do texto escrito, seria feita a utilização de diferentes códigos para os diferentes tipos de erros, sendo os alunos os responsáveis por tentarem verificar as correções.

Auto-avaliação

O parecer dos alunos acerca dos conhecimentos construídos em aula seria importante para a avaliação do que foi realmente aprendido e para a adaptação de projetos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou contribuir para a agregação de práticas pedagógicas na área de Lingüística Aplicada, mais especificamente no ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Felizmente muito tem-se falado nestas últimas décadas sobre o saber construtivo da linguagem. Há, contudo, uma insuficiente quantidade de tentativas concretas de aplicação destes diferentes pontos de vista no meio acadêmico. É importante, principalmente para os alunos ainda na graduação, ter contato com um maior número de materiais didáticos e serem instigados a fazerem a sua própria elaboração. Nesta tarefa, o professor irá deparar-se com inúmeros questionamentos essenciais em todo planejamento (o que é buscado, como será ensinado, quais os conhecimentos prévios necessários aos alunos, o que indicará que o ensino realmente foi eficaz, etc), os quais muitas vezes não vêm à tona quando ensinamos através de um livro didático.

Uma segunda observação é necessidade da escola de transformar-se, ensinando também o que não é possível de controle absoluto. O ensino quase que exclusivo da metalinguagem ainda se faz presente pois é a parte da língua que é mais palpável. A oralidade, por sua vez, requer outros conhecimentos do professor para ser avaliada, o mesmo acontece com a produção textual. A primeira ainda é muito negligenciada nas aulas de linguagem por não ser vista como uma forma de texto, o que é errado. Se escrevemos um e-mail formal fazendo uma reclamação a uma empresa, esta mesma reclamação poderia ser feita através de um telefone, sendo conveniente uma linguagem também formal. A perecibilidade da fala impossibilita o mesmo tipo de controle que pode ser exercido na escrita.

O número de estudos que defendem o ensino da oralidade vêm crescendo, mas uma ressalva deve ser feita. Na tentativa de um ensino de uso da fala em diferentes situações, a herança escolar de julgamento entre a fala “correta” e as demais variantes deveria ser posta em xeque. Como dito anteriormente, as diferentes práticas sociais determinarão o devido registro a ser utilizado e é dever formar alunos capazes de comunicarem-se de modo eficaz nas mais diversas situações, compreendendo e interagindo com os mais diversos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BERGMANN, Leila Mury. A voz dos alunos na sala de aula : a prática da oratória. In: *Educação UNISINOS*. São Leopoldo, RS Vol. 13, n.1 (abr. 2009), p. 76-83

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC, 1999.

COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os 100 melhores contos de crime e mistério da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOYLE, Arthur Conan. *O roubo da coroa de berilos e outras aventuras*. Tradução de Antonio Carlos Vilela. Título original em inglês: *The adventures of Sherlock Holmes*. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, L. C. de M.. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: Geraldi, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 17-25.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Oralidade e escrita. *Signótica*, nº 9, p. 119-145, 1997.

NEVES, M. H. M.. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. A oralidade e a escrita em interações narrativas. In: PASSEGGI, Luís (Org.). *Abordagens em lingüística aplicada*. Natal: UFRN, 1998, p. 169-198.

PEREIRA, Carla Sanceverino. *As práticas orais na sala de aula: ampliando a competência comunicativa dos alunos*. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 57 f. Trabalho de conclusão de curso.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. *Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Porto Alegre: SE/DP, 2009. v. 1.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 12ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHNEUWLY, B. & Dolz. J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 194 p.